

Inquérito: há violação da máxima conversacional da qualidade no prólogo e no epílogo do livro *O menino no espelho*, de Fernando Sabino?

Inquiry: Is there a violation of the conversational maxim of quality in the prologue and epilogue of Fernando Sabino's "O menino no espelho"?

Janaína Pereira de Jesus

Graduanda do 5º período de Letras do Centro Universitário de Patos de Minas.
E-mail: janaina-cp18@hotmail.com

Ana Valéria Moreira Alves Oliveira

Graduanda do 5º período de Letras do Centro Universitário de Patos de Minas.
E-mail: anavaleriaoliveira@outlook.com

Letícia de Fátima Souza Costa

Graduanda do 5º período de Letras do Centro Universitário de Patos de Minas.
E-mail: leticiaasouza@outlook.com

Elizene S. Oliveira Nunes

Mestre em Estudos Linguísticos. Professora orientadora do trabalho (UNIPAM).
E-mail: elizene@unipam.edu.br

Resumo: A Pragmática debruça-se sobre o uso concreto da linguagem, observando elementos constitutivos do contexto conversacional. Assim, mais do que é dito, a Pragmática investiga aquilo que se pretendia dizer, ou seja, o que foi implícito durante a conversação e se os elementos comunicativos foram suficientes para estabelecer a compreensão entre os sujeitos envolvidos. Nesta diligência, procura-se evidenciar, por meio de estudos bibliográficos e de análise de texto literário, a violação de um dos princípios regidos pela Pragmática Conversacional, que busca estabelecer “regras” de conduta da conversação amparada no modelo defendido por Paul Grice, conhecido como o Princípio Cooperativo, que se constitui em um conjunto de máximas, necessárias para que haja interpretação dotada de sentido. No presente instrumento analítico, procedeu-se à investigação de uma possível violação da máxima conversacional de qualidade, especificamente no prólogo e no epílogo do livro *O menino no espelho*, do escritor Fernando Sabino, intitulados “o menino e o homem” e “o homem e o menino”, respectivamente. Após feitos os trabalhos investigativos e todas as diligências necessárias, observou-se que além da máxima da qualidade o autor viola também, com frequência, a máxima conversacional de modo. Por fim, buscando uma justificativa possível para tais violações, deparamos com a violação proposital para produção de sentido, por se tratar de linguagem literária em que a plurissignificação é aceitável.

Palavras-chave: Pragmática. Princípio cooperativo. Teoria da Comunicação.

Abstract: Pragmatics focuses on the concrete use of language, observing constitutive elements of conversational context. Thus, Pragmatics investigates what was intended to be said, that is, what was implicit during the conversation and whether the communicative elements were sufficient to establish understanding among the subjects involved. In this endeavor, it is sought

to highlight, through bibliographical studies and literary text analysis, the violation of one of the principles governed by the Conversational Pragmatics, which seeks to establish "rules" of conversation conduct based on the model defended by Paul Grice, known as the Cooperative Principle, which is a set of maxims, necessary for meaningful interpretation. In this analytical instrument, it is intended to investigate the possible violation of the quality conversational maxim, specifically in the prologue and epilogue of the book "O menino no espelho" by Fernando Sabino, entitled "Boy and Man" and "Man and boy", respectively. After doing the investigative work and all the necessary diligences, it was observed that besides the quality maxim, the author frequently violates the conversational maxim of mode. Finally, looking for a possible justification for such violations, we noticed a deliberate violation of meaning production, because in literary language multi-meaning is acceptable.

Keywords: Pragmatics. Cooperative Principle. Communication theory.

1 Dos atos iniciais – instauração de inquérito

A Pragmática, como ciência, busca explicitar a construção do significado, a partir da interação dos sujeitos e dos objetos discursivos aliados ao contexto conversacional. Para essa ciência, a significação vai além dos meros conceitos dados pela sintaxe e pela semântica: ela perpassa o extralinguístico e seu sentido está aliado a enunciados implícitos. Assim, quanto maior a clareza com que se expresse um falante, um escritor e os outros envolvidos nos processos conversacionais, maior será a capacidade de atingir o ápice do processo comunicacional: a compreensão.

É importante mencionar que os estudos teóricos pragmáticos são abordados por duas vertentes: francesa e americana. Neste inquérito optamos pela abordagem americana, fundamentando nossas análises na perspectiva de Grice. Nesse viés, cumpre ressaltar que, para facilitar esse percurso da pronúncia ou da escrita, até o entendimento dos enunciados, há na Pragmática um conjunto de máximas conversacionais, regidas pelo Princípio da Cooperação, que preconiza a comunicação em seus aspectos de objetividade, de clareza e de veracidade. Em muitos textos, escritos ou orais, a "quebra" desses parâmetros acarreta a violação dessas máximas conversacionais. No presente inquérito, pretende-se destacar a violação da máxima conversacional de qualidade, especificamente no prólogo e no epílogo do livro *O menino no espelho*, do escritor Fernando Sabino, intitulados *O menino e o homem* e *O homem e o menino*, respectivamente. Pretende-se, ainda, esclarecer, hipoteticamente, se a violação da máxima conversacional foi usada para estabelecer efeito de sentido, ou ainda, tratar-se de implícitos, ou seja, algo que o leitor fosse capaz de perceber e que o autor escreveu propositalmente.

Com o intuito de garantir uma melhor apreciação, os embasamentos teóricos deste inquérito serão segmentados por meio de estudos bibliográficos e análises do texto literário de Fernando Sabino. Nesta análise, serão considerados os recursos usados pelo autor e a correlação destes com o que prega a máxima conversacional da qualidade, especificamente.

Agora que o leitor já foi colocado em contato com a essência da pragmática como ciência, sendo ele um estudioso da área da linguística e conhecedor das implicaturas conversacionais, em especial das máximas conversacionais, é possível que

esteja estranhando a estrutura desta pesquisa, ou até mesmo considerando a defesa dessas máximas um paradoxo. Para deixar claro, essa “estranheza” é proposital. O título *inquérito* foi intencionalmente criado com o intuito investigativo e, a partir de sua criação, optou-se pela elaboração dos tópicos deste trabalho seguindo o padrão semelhante ao usado pelo setor jurídico para discriminar um Inquérito civil ou criminal.

Ressalta-se, dessa forma, que as metáforas aqui usadas já constituem uma violação da máxima conversacional da qualidade. Assim, este estudo é uma metalinguagem, a violação descrita sendo violada, literalmente. Conquanto, há de se levar em consideração que, explicado precocemente, toda violação é passível de compreensão. Então, continuemos nosso inquérito, deixando claro que, neste caso, a estrutura de pesquisa tão diferenciada foi esclarecida precipitadamente. Agimos, então, em legítima defesa.

2 Narração dos fatos – a pragmática conversacional

Conforme já dito, neste estudo, os fatos serão analisados sob a luz da teoria da Pragmática Conversacional, em especial sob a teoria greiciana. Assim, cumpre salientar que, para Grice (1982), o ato comunicativo é construído a partir de situações e contextos específicos e compartilhados pelos interlocutores, em busca do sentido para ambos. Partindo da teoria de que a significação pode ir além do que está escrito literalmente, formulou o Princípio da Cooperação, o qual é entendido como o princípio geral que rege a comunicação. Conforme Fiorin (2015, p. 177), por esse princípio “o falante leva em conta sempre, em suas intervenções, o desenrolar da conversa e a direção que ela toma”. Na concepção de Grice (1982, p. 86), esse é “um princípio muito geral que se esperaria que os participantes observassem: faça sua contribuição conversacional tal como é requerido, no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção do intercâmbio conversacional em que você está engajado”.

Grice explicita esse princípio de sua Teoria da Comunicação por meio de quatro máximas conversacionais, as quais são assim detalhadas por Fiorin (2015, p. 177):

Máxima de quantidade

- Que a sua informação contenha o tanto de informação exigida.
- Que sua contribuição não contenha mais informação do que é exigido.

Máxima de qualidade (da verdade)

- Que a sua contribuição seja verídica.
- Não afirme o que você pensa que é falso.
- Não afirme coisa de que você não tem provas.

Máxima da relação

- Fale o que é concernente ao assunto tratado (seja pertinente).

Máxima de modo/maneira

- Seja claro.
- Evite exprimir-se de maneira obscura.
- Evite ser ambíguo.
- Seja breve (evite a prolixidade inútil)
- Fale de maneira ordenada.

Entende-se, a partir do que dispõem as máximas, que um comportamento não cooperativo acontece “se fornecemos mais ou menos informações do que é necessário, se dizemos algo que sabemos ou acreditamos estar errado, se dizemos algo que é irrelevante ao assunto da conversação, se falamos de modo obscuro, ambíguo ou confuso” (COSTA; COELHO, 2008, p. 5).

Conforme evidencia Fiorin (2015, p. 178), muitas críticas foram feitas acerca das concepções de Grice, sendo que alguns autores dizem que “Grice tem uma concepção idealista da comunicação humana e, por conseguinte, da sociedade, porque imagina a troca verbal como algo harmonioso [...]. Por outro lado, diz-se que Grice é normativo, que ele pretende ditar regras para a comunicação humana”.

Diante a essas críticas, Fiorin (2015, p. 178) rebate dizendo que nenhuma delas procede e acrescenta que “as máximas não são um corpo de princípios a ser seguido na comunicação, mas uma teoria de interpretação dos enunciados”. Ainda nesse sentido, afirma que

Grice não ignora a existência de conflitos na troca verbal. No entanto, mesmo quando a comunicação é conflituosa, ela opera sobre uma base de cooperação na interpretação dos enunciados, sem o que o conflito não se pode dar. Mesmo para divergir, os parceiros da comunicação precisam interpretar adequadamente os enunciados que cada um produz. Além disso, a existência das máximas implica sua violação. Por um lado, pode-se violar uma máxima, para não infringir outra, cujo respeito é mais importante. [...] Por outro lado, há o que Grice chama a exploração das máximas, que é a criação de determinados efeitos de sentido obtidos com a violação das máximas. (2015, p. 178).

Dessa forma, cumpre salientar que alguns discursos são construídos exatamente na violação dessas máximas conversacionais, como o discurso poético e o discurso irônico, que violam, respectivamente, as máximas de modo e de qualidade. Então, o que fica evidente nesta teoria é que “todas as máximas procuram mostrar como o falante, na troca verbal, resolve o problema do que deve dizer e do que não deve dizer”. (FIORIN, 2015, p. 181).

Feita essa breve incursão pela teoria das máximas conversacionais, em especial, cumpre ressaltar que, neste estudo, faremos um recorte, optando pela análise da máxima da qualidade, retomando que essa máxima, especificamente, determina o seguinte princípio: não diga aquilo que você acredita ser falso e nem o que não possui evidência suficiente de comprovação, regendo, assim, pela veracidade das informações expostas no ato de fala. Entende-se, assim, que analisar a violação da máxima conversacional da qualidade é um modo de garantir discursos coerentes, claros e objetivos, que cumpram o propósito principal da linguagem - a comunicação, observando que “o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe “em si mesmo” (...) mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas”. (PÊCHEUX, 1990, p. 190).

Desse modo, a noção de sentido e veracidade é dependente de fatores extratexto, aliados à enunciação, ao contexto, às relações discursivas entre leitor-autor, e outros aspectos sociais, culturais e cognitivos, atrelados à informação que o texto

contém, sua qualidade quanto à clareza e coesão, à possibilidade de retomadas linguísticas, e, por fim, à manutenção da máxima de qualidade.

No ato de fala, os discursos não acontecem de forma desconexa. Assim, é importante que os envolvidos na situação conversacional estabeleçam um “contrato” de fala, ligado diretamente à presença das máximas conversacionais. Essas regras comunicativas são adquiridas nos primórdios da aquisição da língua materna, visto que o falante já possui competência linguística dessas contribuições de sentido. É fundamental, na literatura escrita, que esse contrato seja pré-estabelecido, ou seja, que a linguagem seja precisa, objetiva e clara, a fim de que atinja o propósito do autor, visto que o processo de interação só acontece por meio da leitura, pois a presença do interlocutor se dá apenas via texto, por marcas linguísticas, diferentemente da interação face a face, quando acontece em um contexto de copresença, em que os envolvidos partilham de informação e podem, assim, esclarecer dúvidas do ato comunicativo.

Observando o que estabelece a máxima conversacional de qualidade, a precisão e veracidade das informações dentro do processo interacional, aprofundou-se e investigou-se a violação desta na literatura de Sabino, especificamente no prólogo e epílogo do livro *O menino no espelho*, para inquirir se o uso das figuras de linguagem, ou outras violações propositais, na literatura, pode (ou não) prejudicar a intimidade conversacional entre a tríade autor-texto-leitor, ou até mesmo limitar o público-leitor, de acordo com o conhecimento de mundo para ler o que está implícito.

3 Individualização do indiciado – análise do ato investigado

Sabino, o pequeno grande homem, ao reviver suas memórias de infância, nos convida a “entrar” em seus personagens, em suas aventuras mirabolantes e em todas as fantasias que nosso imaginário seja capaz de criar. O escritor mineiro “da gema”, se assim pudermos chamar, tornou-se um clássico na literatura nacional contando, cantando e encantando aos leitores com suas obras cotidianas e, ao mesmo tempo, requintadas, explorando a imaginação e a capacidade do ser humano de transcender o alcance dos olhos. Sabino merece destaque não só por sua grande influência na Literatura e suas contribuições para o imaginário infantil, mas também pelas inúmeras obras que propõe a cada um reviver a criança dentro de si.

Com uma estrutura memorialística, o livro em análise é composto por um prólogo, dez capítulos, um epílogo e uma pequena biografia do autor. *O menino no espelho* relata, em primeira pessoa, os episódios sucedidos na infância, com um misto de ficção e fantasia, um intenso embate entre menino x homem, contrapondo a infância e a idade adulta, numa tentativa de conservar a beleza daquela no amadurecimento desta. Os capítulos não necessitam de leitura linear, uma vez que não seguem um padrão cronológico. Dessa forma, os acontecimentos narrados são independentes, não necessitando de retomadas. O investigado neste estudo trata-se de uma edição especial (100ª edição), da Editora Record/ 2015, possui ilustrações e o texto já se encontra revisado segundo o novo acordo ortográfico da Língua Portuguesa.

4 Dos atos de acusação

Em contraposição às formas de linguagem expostas no ato infracionário, observaremos o que dispõe a Teoria da Argumentação da Língua, proposto por Ducrot (1987), considerando a linguagem como um ato jurídico que pode até mesmo alterar o relacionamento entre o enunciado e o enunciatário. Assim, as ações linguísticas possuem aspectos materiais, sendo preciso “vigiar” o que é dito, escrito, para que, ao ser enunciado, estabeleça clareza a quem receber. Desse modo, deve-se observar que

as circunstâncias da enunciação são mobilizadas para explicar o sentido real de uma ocorrência particular de um enunciado, somente depois que uma significação tenha sido atribuída ao próprio enunciado independentemente de qualquer recurso ao contexto. (DUCROT, 1987, p.16)

Assim, segundo Ducrot, as informações precisam estar dispostas e ser compreendidas, sem que seja necessário buscar algo que não foi dito. Partindo dessa afirmação, os autores, principalmente em contexto extra face, devem estar atentos quanto à organização estrutural de suas ideias, ainda que seja um recurso literal. Para Ducrot, é inviável buscar um contexto de significação, uma vez que este permite uma interpretação particular do leitor, que pode diferir da intenção do autor. Discursos claros, coesos e passíveis de compreensão são defendidos por grandes filósofos e estudiosos dentro da pragmática. Então, conservar a máxima conversacional da qualidade (seja na escrita, seja na fala) permite aos falantes um efeito *boomerang*, atingindo o ápice da comunicação – a compreensão.

De acordo com Parret (1986, p. 756), “o entendimento jamais deveria ser considerado como um estado mental ou uma experiência específica, mas, antes como uma faculdade, uma capacidade que faz o entendedor ser capaz de realizar coisas específicas”, ou seja, se o propósito da leitura é enriquecer vocabulários, construir e reconstruir conceitos e significados, a obra que não atinge esse propósito não realiza, para o leitor, a “colheita” do conhecimento.

5 Dos atos de investigação – diligências

O foco deste estudo é investigar a violação da máxima de qualidade na literatura de Fernando Sabino, sabendo-se que o ato conversacional, escrito ou oral, por si só, já deveria assumir um caráter de verdade, para contribuir com o processo interpretativo de compreensão. Analisaremos fragmentos do livro, para que se comprove ou não a violação da máxima conversacional analisada.

Fragmento 1:

Quando a chovia, no meu tempo de menino, a casa virava um festival de goteiras. Eram pingos do teto ensopando o soalho de todas as salas e quartos. Seguia-se um corre-corre. (SABINO, 2015, p. 15, grifos nossos).

Esse fragmento encontra-se logo no início do prólogo, precisamente na página 15 do livro *O menino no espelho*. A expressão “a casa virava um festival de goteiras” é usada para expressar uma grande quantidade de chuva, ou seja, temos, nesse fragmento, o uso da hipérbole, uma figura de linguagem conhecida pelo emprego do exagerado da significação linguística. Além disso, o emprego da palavra festival, que denota algo festivo ou musical, está inserido de modo duvidoso, afinal, “um festival de goteiras”, dentro de uma casa, não seria nada agradável. Temos, dessa forma, a violação da qualidade e um dos seus subprincípios: não diga algo que você acredita ser falso. Além dessa violação, há também a “quebra” da máxima de modo, quanto ao quesito brevidade, e também relativo à prolixidade desnecessária de informações.

Fragmento 2:

Ainda na página 15 do livro temos a seguinte narrativa, dando continuidade ao enunciado do fragmento 1:

Os diferentes ruídos das gotas d’água retinindo no vasilhame, acompanhados do som oco dos passos em atropelo nas tábuas largas do chão, formavam uma alegre melodia, às vezes enriquecida pelas sonoras pancadas do relógio de parede dando horas. (SABINO, 2015, p. 15, grifos nossos).

O cenário descrito pelo autor, nesse fragmento, é comparado a um festival musical, com ênfase nas palavras “melodia e sonoras”. Para um leitor primário, tal comparação implícita poderia não se constituir em uma figura de linguagem, e sim de que estaria presenciando um festival de música, literalmente. Assim, o autor viola a máxima de qualidade da informação, com uso da metáfora e também foge do que rege a máxima de modo: não diga aquilo que permita múltiplas interpretações.

Fragmento 3:

Logo na página 16 do prólogo temos a presença de outra comparação implícita:

NAQUELE DIA, assim que a chuva passou, fui como sempre brincar no quintal. Descalço, pouco me incomodando com a lama em que meus pés se afundavam, gostava de abrir regos para que as poças d’água, como pequenino lagos, escorressem pelo declive do terreiro, formando o que para mim era um caudaloso rio. E me distraía fazendo descer por ele barquinhos de papel, que eram grandes caravelas de piratas. (SABINO, 2015, p. 16, grifos nossos).

O enunciado usa a hipérbole ao comparar uma pequena poça de lama com um caudaloso rio; compara ainda os pequenos barcos de papel que o menino fazia com as caravelas de piratas. A comparação é curiosa, uma vez que as caravelas de piratas eram muito conhecidas pelo tamanho alongado, pela capacidade de transportar grandes pesos e pela ação delinquente dos piratas em realizar grandes saques e furtos, e isso em nada lembra barquinhos de papel, tão frágeis. Mais uma vez, a máxima da qualidade foi violada: não afirme algo para o qual você não tenha evidência suficiente.

Fragmento 4:

Desta vez, o que me distraiu a atenção foi uma fila de formigas a caminho do formigueiro, lá perto do bambuzal, e que o rio aberto por mim havia interrompido. As formiguinhas iam até a margem e, atarantadas, ficavam por ali procurando um jeito de atravessar. Encostavam a cabeça umas nas outras, trocando ideias, iam e vinham, sem saber o que fazer. Algumas acabavam tão desorientadas com o imprevisto obstáculo à sua frente que recuavam caminho, atropelando as que vinham atrás e estabelecendo na fila a maior confusão. (SABINO, 2015, p. 16, grifos nossos).

No texto destacado há a presença da figura de linguagem denominada personificação ou prosopopeia, que dá qualidade ou ações de seres humanos a seres irracionais. As expressões verbais significativas “encostavam a cabeça, trocando ideias e sem saber o que fazer” dá clareza às ações humanas, mas, no caso usado na narrativa, elucidam ações de um grupo de formigas. A questão é imaginária, o narrador cria esse arquétipo, mas não tem como comprovar essas “ações”. A máxima da qualidade foi violada.

Fragmento 5:

Resolvi colaborar, apelando para os meus conhecimentos de engenharia. Em poucos instantes construí uma ponte com um pedaço de bambu aberto ao meio, e procurei orientar para ela, com um pauzinho, a fila de formigas. Estava empenhado nisso, quando senti que havia alguém em pé atrás de mim. Uma voz de homem, que soou familiar aos meus ouvidos, perguntou: — Que é que você está fazendo? Sem me voltar, tão entretido estava com as formigas, expliquei o que se passava. Logo consegui restabelecer o tráfego delas, recompondo a fila através da ponte. O homem se agachou a meu lado, dizendo que várias formigas seguiam por um caminho, uma na frente de duas, uma atrás de duas (...) (SABINO, 2015, p. 17, grifos nossos).

Logo no início do trecho, vemos uma verdade absurda: uma criança deter conhecimentos de engenharia, para a construção do que ele chamou de ponte. Em seguida, há um exagero, por parte do autor, em empregar a expressão restabelecer o tráfego, principalmente por se tratar de uma “fila” de formigas, e não de automóveis como a palavra conceitua: circulação de veículos, trens ou até aviões (tráfego aéreo), mas não de formigas. Há também no trecho a presença de um homem, que não se explica quem é de imediato, podendo gerar confusões ao leitor iniciante, violando, assim, a máxima conversacional de modo – Seja claro!

Fragmento 6:

Já no epílogo, encontramos um período passível de análise pela inverossimilhança:

PARO DE ESCREVER, levanto os olhos do papel para o relógio de parede: cinco horas. As sonoras pancadas começam a soar uma a uma, como antigamente em nossa casa.

É um relógio bem antigo. Foi do meu avô, depois do meu pai, hoje é meu e um dia será do meu filho. Seu tique-taque imperturbável me acompanha todas as horas de vigília o dia inteiro e noite adentro, segundo a segundo, do tempo vivido por mim. (SABINO, 2015, p. 165, grifos nossos).

Há de se atestar que existem instrumentos antigos, porém, ao fim da narrativa, pressupondo-se que o menino cresceu, o autor afirma que o tal relógio o acompanhou em todos os segundos de sua vivência e, ainda, seus antepassados. Como não há evidências de que o instrumento perpassou o tempo, não se pode proferir tão informação, trata-se de uma violação da máxima da qualidade.

Fragmento7:

Observemos estes dois trechos para análise:

Nada se compara ao mistério que eu trouxe da infância e que até hoje me intriga: quem era aquele desconhecido que um dia, depois da chuva, foi conversar comigo no fundo do quintal?

Na hora pensei que fosse algum amigo da família, ou até parente: um velho primo ou tio que eu não conhecesse. Cheguei, mesmo, a achar que ele se parecia um pouquinho com meu pai – mas foi só impressão: quando perguntei quem ele era, papai me disse que não tinha a menor ideia, pois nem chegou a vê-lo. Minha mãe também não soube dizer, muito menos o Gerson ou o Toninho. A Alzira se limitou a dizer que me tinha visto conversando sozinho, como eu fazia sempre.

Só restava perguntar ao Godofredo, mas o papagaio não queria saber de conversa comigo: seu entusiasmo pela nossa façanha libertando os passarinhos já havia passado. (SABINO, 2015, p. 165 -166, grifos nossos).

O narrador cita o personagem do prólogo, o homem, porém não faz as devidas apresentações ao leitor, gerando um conflito de enunciado implícito. Adiante relata que seria preciso questionar o papagaio, de nome Godofredo, para sanar suas dúvidas. Há nesses trechos a violação da máxima de qualidade. Se considerar o tempo de vida desse papagaio, que o autor diz ter “vivido” aventuras ao seu lado, na infância, seria improvável ainda estar vivo na fase adulta do narrador.

Podemos observar também a violação da máxima conversacional de modo: a falta de esclarecimentos, ao leitor, diante de um personagem desconhecido até por ele mesmo. Há ainda outra violação da máxima de qualidade, quando o autor sugere que “só restava perguntar” ao papagaio. Cientificamente, a ave citada só imita a fala

humana, seria impossível saber algo desconhecido, e, mais ainda, estabelecer a “conversa” com o autor - violação da máxima de qualidade: a contribuição conversacional deve ser a mais verdadeira possível.

Fragmento 8:

Analiseemos outro trecho do epílogo:

Saio para a sala. Vejo meus pais conversando de mãos dadas no sofá, como costumavam fazer todas as tardes, antes do jantar. Comovido, dirijo-me a eles: __ Papai... Mamãe...
Mas eles não me veem. Nem parecem ter-me ouvido, como se eu não existisse. Ganho o corredor, passo pela copa onde o relógio está acabando de bater cinco horas. (SABINO, 2015, p. 167, grifos nossos).

No início do trecho, o autor usa a expressão “vejo meus pais conversando (...)”, porém, ao final, diz que eles não o veem, como se ele não existisse. Ao proferir esse discurso, o autor causa desordem no processo de compreensão do leitor, afinal seria ele, neste momento da narrativa, um fantasma? Não há uma resposta concreta à pergunta. Viola a máxima da qualidade, seu enunciado não é passível de compreensão imediata. Além dessa violação, percebe-se também um dado curioso e confuso ao leitor iniciante: o relógio marca a mesma hora do início do prólogo, comentado no Fragmento 6, ou seja, o autor afirma que o tempo parou, pois, mesmo após uma longa narrativa, o velho relógio marca a mesma hora. Não há como precisar se foi imaginação do autor, um frenesi ou outra espécie de *dejà vu* que só a ciência explicaria; temos, então, a violação da máxima de modo também.

Fragmento 9:

Desço a escada para o quintal e dou com um garotinho agachado junto às poças d'água da chuva que caiu há pouco, entretido com umas formigas. Dirijo-me a ele, e ficamos conversando algum tempo.
Depois me despeço e refaço todo o caminho de volta até meu quarto. Vou à janela, olho para. O que vejo agora é a paisagem de sempre, o fundo dos edifícios voltados para mim, iluminados pelas luzes do entardecer em Ipanema. Ouço o relógio soando a última pancada das cinco horas. Viro-me, e me vejo de novo no meu apartamento. (SABINO, 2015, p. 167, grifos nossos).

Mesmo que não expressado nesse trecho da narrativa, o autor parece viver um frenesi, estando fora de si. No fragmento, observamos o encontro, agora com um menino, ainda não esclarecendo quem seja, mas que o autor relata estar executando as mesmas “brincadeiras” do personagem do prólogo, porém não esclarece ainda quem é o personagem desconhecido. Por fim, ainda no trecho, o autor usa a expressão “viro-me, e me vejo de novo no meu apartamento”. Esse enunciado é confuso, não traz uma linearidade, o termo de novo, não é determinante para situar o leitor, e levanta hipóteses se o narrador saíra ou não do seu apartamento. Há violação da máxima de

qualidade: não há evidências suficientes para comprovar a veracidade dos fatos, e, por conseguinte, a violação da máxima de modo: esse enunciado não reflete clareza.

Fragmento 10:

Caminho até a mesa, debruço-me sobre a máquina que abandonei há instantes.
Leio as últimas palavras escritas no papel:
... Até desaparecer em direção ao infinito.
Sento-me, e escrevo a única que falta:
FIM. (SABINO, 2015, p. 168, grifos nossos).

Neste último fragmento analisado neste inquérito, o autor menciona que retorna ao que estava fazendo antes da narrativa, usando o termo “há instantes”, mas a narrativa foi longa entre ele abandonar o que estava fazendo e recordar ou reviver cenas de sua infância (que não foram esclarecidas). Assim, o tempo recorrido não corresponde ao tempo cronológico da sua pronúncia. Violação da máxima da qualidade: não diga aquilo que não se pode comprovar.

6 Do relatório final

Diante de todo esse estudo bibliográfico, calabouços teóricos, perícia em fragmentos retirados da obra em questão, chegamos a uma resposta para a pergunta que instaurou este inquérito: há violação da máxima conversacional da qualidade no prólogo e no epílogo do livro *O menino no espelho*, de Fernando Sabino? A resposta é sim, e ainda, mesmo que o foco estivesse voltado para violação da máxima de qualidade, foi possível perceber, com frequência, a violação da máxima de modo, concomitantemente.

Com o oferecimento deste inquérito, ao leitor, abrem-se três possibilidades que justificariam a “quebra” do Princípio Cooperativo pelo grande autor Fernando Sabino: primeira hipótese – Sabino, por meio do critério inverso, violou essas máximas conversacionais por tentar reviver suas fantasias infantis como se fosse realidade, usando a literalidade para tal; segunda hipótese - o autor viola as máximas, principalmente a da qualidade, para assegurar a produção de sentido, fazendo com que o leitor seja autônomo e interprete sua intenção; terceira hipótese - as violações não foram propositais, visto que o autor desconhecia o Princípio Cooperativo e suas máximas.

As tentativas de elucidar a violação dessas máximas são inúmeras, mas como não há possibilidade de questionar diretamente ao autor, como faríamos em um contexto conversacional face a face, nós nos guiaremos pela hipótese que mais se aproxima de uma alternativa verídica: o autor viola a máxima de qualidade ou a máxima de modo para assegurar a produção de sentido.

Justificando essa opção, temos como referência o uso de enunciados conotativos na literatura para causar efeito de sentido e tornar a leitura mais prazerosa ao leitor. Podemos confirmar esse fundamento, ao observar que há discursos que são construídos por meio da violação das máximas conversacionais “como o discurso

poético, que cultiva a ambivalência, o discurso eufêmico, que infringe a máxima da quantidade; o discurso irônico, que viola a máxima da qualidade” (FIORIN, 2015, p. 180).

Desse modo, Fernando Sabino, ao violar as máximas conversacionais de qualidade e de modo no prólogo e no epílogo do livro *O menino no espelho*, agiu em conformidade com as normas aceitáveis pela linguagem literária, em que a plurissignificação é admitida. Assim, caberá ao leitor, em conjunto com os determinantes pessoais, sociais, históricos e culturais, interpretar a intencionalidade do autor/narrador.

Por fim, diante dos fatos analisados, optaremos pelo arquivamento deste inquérito, verificada a ausência de justa causa para o indiciamento e acusação formal do indivíduo Fernando Sabino. Esclarecemos ainda que, no caso de surgimento de novas diligências, ou no caso de alguma autoridade leitora considerar improcedentes as razões aqui invocadas acerca do caso, este poderá ser submetido a um desarquivamento. Colocamo-nos à disposição para contribuições futuras.

Referências

- COSTA, Scheila Cristina; COELHO, Sueli Maria. A aplicabilidade das máximas conversacionais nas perguntas cotidianas. *Crátilo*, Patos de Minas, n. 1, ano 1, 2008. Disponível em: <http://cratilo.unipam.edu.br/documents/32405/37355/AplicabilidadeDasMaximas.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2019.
- DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Traduzido por Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1987.
- FIORIN, José Luiz. A linguagem em uso. In: FIORIN, José Luiz. *Introdução à linguística: objetos teóricos*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2015, p. 165-186.
- GRICE, H. Paul. Lógica e conversação. In. DASCAL, Marcelo (Org.). *Pragmática – problemas, críticas, perspectivas da Linguística – biografia*. Tradução de João Vanderley Geraldini. Campinas: Unicamp, 1982. (Coleção Fundamentos Metodológicos da Linguística).
- PARRET, Herman. *Enunciação e pragmática*. Campinas, SP: UNICAMP, 1986.
- PÊCHEUX, Michel. *A Análise do Discurso: três épocas - uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: EDUNICAMP, 1990.
- SABINO, Fernando. *O menino no espelho*. 100. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.